

instituto de arte de cast
amilcar de arte contemporânea

de 14 de Outubro a 14 de Novembro de 1982
Inauguração as 21 horas

Gabinete de Arte Raquel Arnaud Babenco
Av Nove de Julho 5719 São Paulo — Tel.: (011) 881-9853

A escultura de Amílcar de Castro

Amílcar de Castro, depois das primeiras obras que realizou na linha concretista em 1952, entregou-se a uma dura e solitária indagação de que emergiu finalmente amadurecido e já dono de uma linguagem própria, despojada e tensa. Amílcar é um artista de muitas e complexas indagações, de modo que sua obra evolui pausada e densamente como o produto de uma experiência mais geral, de que a sua obra busca a expressão exata e definitiva. Sua passagem para a linguagem não-alusiva fez-se sem vacilações e, uma vez situado nesse novo campo, começou a trabalhar e a indagar na procura de sua significação profunda, de algo que tornasse essas formas puras veículos de significados capazes de transcender à mera percepção física. É possível que tais problemas não se colocassem, então, para Amílcar, com tal clareza, mas as obras que realizou nessa época não deixam dúvida quanto à sua vontade de alijar de sua linguagem qualquer resíduo de gratuidade.

Na I Exposição Neoconcreta, em 1959, Amílcar voltou a expor depois de sete anos de aparente silêncio, e as obras que mostrou nessa ocasião eram já uma linguagem poderosamente significativa. O ponto comum de todas elas estava na expressão de uma força interior contida pelos ritmos implacáveis e decisivos da estrutura. Havia entre elas uma escultura constituída de apenas uma chapa de ferro que se abria em planos inclinados, para cima e para baixo, e que anunciava todo o futuro desenvolvimento de sua obra. Tratava-se na verdade de uma só chapa cortada ao meio e submetida a uma torção precisa e expressiva — que, por assim dizer, deflagrava um dinamismo novo no espaço, transfigurando a forma e a matéria.

Nas obras que se seguem a essa, Amílcar amplia o alcance obtido, e apenas pela orientação dos cortes e dobras a que submete a placa retangular de que partiu. Os ritmos conseguidos pelo levantamento de algumas partes da placa, pela torção de outras, pelas diferenças de planos, pela tensão e distensão da superfície, emprestam-lhe uma vitalidade explosiva, um dinamismo virtual de gesto detido na iminência da atualização. Por isso mesmo, esse movimento, que jamais se atualiza, tam-

bém jamais se perde e, detido, converge para o interior da própria forma, para o interior de si mesmo, e nos leva consigo para a intimidade da obra.

A linguagem dessas obras de Amílcar é uma linguagem essencial, realmente não-alusiva e na qual não se descobrem sequer as referências a problemas geométricos ou matemáticos. Que suas obras possam implicar uma organização matemática qualquer — ou sejam redutíveis a ela — é uma questão que não diz respeito à sua natureza significativa de obra de arte. E a importância do trabalho de Amílcar reside precisamente na tentativa de formular o mundo pela primeira vez, de captá-lo numa síntese intuitiva. Trata-se de uma experiência dramática em que, à liberdade total, se opõe uma vontade de ordem, mas uma ordem que brote da liberdade mesma. Daí a necessidade de um rigor, de uma disciplina interna que nenhum princípio *a priori* pode suprir. O escultor aí está entregue a si mesmo e à sua linguagem potencial que, antes de nascer, é apenas um número indeterminado de possibilidades formais. E a própria ordem não é então mais que uma possibilidade — e estaríamos no caos não fosse a vontade de significação que é a origem e o termo do trabalho criador. Mas essa significação, por sua vez, não é passível de formulação — de existência — senão aí, de modo que ela e a obra se fundam mútua e simultaneamente. A obra é o lugar da obra.

Deve-se ressaltar ainda que esse despojamento, essa busca do essencial, que caracteriza a escultura de Amílcar, não a torna uma entidade metafísica, não lhe tira a vitalidade e o ímpeto. Pelo contrário, partindo do racionalismo concretista, Amílcar por assim dizer o reduziu à matéria, e transmudou a busca da forma abstrata em busca da forma terrestre: a expressão quer levantar vôo mas não quer abandonar a matéria da vida. Daí o peso e a densidade de suas asas de ferro.

Ferreira Gullar

